

O QUE ENCONTRAMOS ENTRE PARAGUAI E BRASIL? UMA ANÁLISE SOB A FORMAÇÃO HISTÓRICA DAS FRONTEIRAS.

Andrew Cesar de Goes

RESUMO:

O objetivo do presente trabalho é realizar uma síntese e ao mesmo tempo, uma análise do desenvolvimento histórico, acerca da integração e construção da fronteira entre o Paraguai e o Brasil, especialmente tratando da região Ciudad del Este – Foz do Iguaçu. A narrativa orbitará sobre a formação de identidades e culturas a partir da integração entre brasileiros e paraguaios nos cenários de fronteira, bem como a formação histórica da própria fronteira. Ao mesmo tempo em que vemos aproximações e integração cultural, vemos distanciamentos, xenofobia e exclusão cultural, associados a aspectos históricos das duas nações aqui em questão. Isso marca a fronteira como um espaço único, no qual estão presentes não só as culturas paraguaia e brasileira que serão aqui analisadas, mas uma mescla regional constituinte de uma cultura única e particular da fronteira. A partir das discussões, espera-se como resultado um maior entendimento/esclarecimento, aproximação e respeito mútuo entre cidadãos brasileiros e paraguaios, que sejam favoráveis à integração.

Palavras-chave: Fronteiras; Culturas; Identidades; Integração; Relações Brasil - Paraguai.

1. A FORMAÇÃO DAS FRONTEIRAS SOB O ASPECTO HISTÓRICO.

É fato que as relações diplomáticas e internacionais na América do Sul sempre tiveram caráter conturbado e conflitante. Gostaria de iniciar o trabalho mencionando justamente o aspecto histórico das fronteiras do continente sul-americano, cenário em que estão inseridos os “limites geográficos” entre Brasil e Paraguai. Em 1494, apenas dois anos após a chegada dos espanhóis ao continente americano, as coroas ibéricas de Portugal e Espanha já chegavam ao primeiro acordo que delimitava as posses e territórios dos dois Estados Nacionais na América do Sul. O chamado “Tratado de

Tordesilhas” criava uma América Portuguesa e uma América Espanhola que já no século XVI não era capaz de separar hispanos de lusos.

Em 1580 era iniciado o período da chamada União Ibérica, no qual as coroas de Portugal e Espanha se unificaram sob mando do rei Filipe II da Espanha. Tal acontecimento, é importante para a história regional (sul – americana), pois com a unificação das metrópoles, a linha imaginária de Tordesilhas tornara-se praticamente sem sentido, no que tange ao respeito dos limites territoriais. Basta vermos que o território luso-brasileiro se expandiu muito neste período, principalmente sob ação dos chamados bandeirantes, os quais frequentemente adentravam em terras hispanas a procura de metais preciosos, fugitivos e indígenas para escraviza-los, ação que resultou na destruição de missões jesuíticas, algumas delas, inclusive, localizadas próximas à região onde hoje se encontra a fronteira Ciudad del Este – Foz do Iguaçu.

Em 1750 é assinado um novo tratado internacional entre Portugal e Espanha, a fim de delimitar novamente as fronteiras, já que a configuração territorial de Tordesilhas há anos já se mostrava ultrapassada. A fim de solucionar conflitos pela posse das terras, é assinado o Tratado de Madrid que utiliza como ferramenta de delimitação o conceito romano chamado “UTI POSSIDETIS”, ou seja, a terra pertence àquele que nela habita. Entre o Tratado de Madrid e a criação dos Estados Nacionais sul-americanos, diversos conflitos são vistos, principalmente na região do Prata, envolvendo portugueses, espanhóis e indígenas, resultando em outros tratados como San Ildefonso e Badajoz. Isso demonstra como a delimitação de fronteiras já era um problema existente antes mesmo do surgimento oficial dos países que anos mais tarde estariam envolvidos na Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai), a qual tem como um de seus antecedentes justamente as controvérsias fronteiriças.

O Paraguai torna-se independente da Espanha no ano de 1811. É o primeiro país da região da Bacia do Prata a “livrar-se” do domínio colonial, em aspectos políticos. O último Estado que surge na região é o Uruguai em 1828, criado a partir do conflito entre Brasil e Argentina conhecido em território brasileiro como: “A Guerra da Cisplatina”. O Uruguai é o país que foi em 1864 o centro de interesses comerciais e políticos de todas as nações da região. O Paraguai de Francisco Solano López buscando expandir suas relações comerciais e superar a antiga política de isolamento de Francia e Carlos António López, necessita utilizar o Rio Paraná para alcançar a

saída ao Oceano Atlântico. Devido ao seu posicionamento geográfico, o Paraguai dependia necessariamente de uma política favorável aos seus interesses na região, o que havia na época em que o Partido Blanco governava no Uruguai.

As relações entre Brasil e Paraguai até este momento eram instáveis, ora havia aproximações entre os governos, ora havia afastamentos. A principal disputa entre os dois países era a delimitação da fronteira na região dos Rios Apa e Branco, região do atual Estado do Mato Grosso do Sul. A província do Mato Grosso em 1864 pertencia ao Brasil, no entanto, estava praticamente isolada dos grandes centros do Império. Para chegar à região, fazia-se necessária a navegação. Uma pessoa que desejasse sair da capital Rio de Janeiro, tinha de ir até o estuário do Prata, adentrar ao continente pelo Rio Paraná e posteriormente cruzar o Paraguai através do rio que leva o mesmo nome do país.

Assim sendo, era necessário cruzar o Paraguai para chegar ao Mato Grosso. Esta condição fez com que a região mato-grossense desenvolvesse uma cultura muito mais próxima ao Paraguai que em relação ao próprio Brasil. O comércio da erva-mate, principal produto comercial do Mato Grosso, dependia necessariamente de uma boa relação com o Paraguai.

Com a invasão brasileira-argentina ao Uruguai, depondo o governo blanco e instaurando o partido Colorado de Venâncio Flores, o Paraguai identificou-se em uma situação de estrangulamento comercial, já que o rio Paraná ficaria inacessível à navegação paraguaia. Como retaliação, Solano López declara guerra ao Brasil, aprisiona o navio Marquês de Olinda que passava pelo Rio Paraguai levando o governador do Mato Grosso e entra na província brasileira já mencionada. Evidentemente, os ataques às cidades de Corumbá, Dourados, entre outras, é resultado das antigas disputas dos territórios litigiosos na fronteira entre Brasil e Paraguai.

A Guerra da Tríplice Aliança pode ser entendida como um divisor de águas da história sul-americana e principalmente da história paraguaia. Após o conflito, o Paraguai além de sofrer a completa destruição material e demográfica da guerra, passa por um domínio cultural imposto pelo Império Brasileiro e pelos liberais argentinos, representados pelos liberais paraguaios que assumem o governo de Asunción no pós-guerra. Este domínio buscava simplesmente apagar a história do

Paraguai entre 1810 – 1870, período em que Francia, Carlos António López e Francisco Solano López, governaram o país.

No entanto, a partir dos anos 1900, a onda de teóricos revisionistas membros do movimento conhecido como “El novecentismo Paraguaio”, começam a partir do Colegio Nacional de la Asunción uma transformação intelectual e cultural que resgataria e criaria elementos nacionalistas ufanistas, fundamentais para a reconstrução da identidade nacional ao longo do século XX. Os mais famosos (Cecilio Báez e Juan O’Leary) foram fundamentais para a nova cultura paraguaia que emergia e se consolidaria a partir das polkas, guarânias, defesa do idioma guarani, entre outros. Na atualidade, vemos estes elementos ainda muito presentes e podemos afirmar que constituem o alicerce da cultura paraguaia. Na fronteira que analisaremos de forma mais detalhada nas próximas páginas, vemos que estes elementos também se manifestam de forma recorrente.

Retornando ao aspecto histórico da formação das fronteiras entre Paraguai e Brasil, vemos que ao longo da primeira metade do século XX, as relações comerciais e culturais de regiões como Foz do Iguaçu e aquilo que viria a ser Ciudad del Este, eram praticamente inexistentes. As ocupações populacionais de ambos os países ainda estavam muito distantes umas das outras, pelo fato de que o interior do Brasil era uma região praticamente inabitada por “brasileiros”¹. Praticamente todos os grandes centros demográficos brasileiros estavam localizados no litoral ou próximos a este.

O mesmo ocorria no Paraguai, grande parte da população estava localizada em Asunción e/ou em suas redondezas. Pensando na extensão territorial paraguaia (oeste-leste), a partir da capital Asunción, pode-se dizer que existia uma distribuição populacional considerável até aproximadamente a região de Piribebuy. Desta forma, a região onde hoje está localizada Ciudad del Este, era composta por abundante mata fechada e povos indígenas.

Assim sendo, por mais que existe a ideia de fronteira, já que os Rios Iguaçu e Paraná a delimitavam, o cenário era muito diferente do que conhecemos atualmente,

¹ O termo brasileiros é colocado entre aspas pelo fato de que os indígenas, no período histórico abordado, mesmo podendo ser considerados brasileiros, oficialmente não eram colocados ou tratados como tais, fato semelhante ao que ocorreu no Paraguai e demais Estados Latino-Americanos.

marcado por intensa atividade e troca comercial. Foz do Iguaçu, apesar de já existir por volta dos anos 1920, não passava de uma pequena vila isolada do resto do Estado do Paraná. A atividade comercial que ocorria era majoritariamente a extração da madeira local e a exploração da erva-mate, que inclusive representavam o centro da economia interiorana de grande parte da região sul do Brasil e de outras regiões de fronteira com o Paraguai.

Este aspecto passaria a mudar somente a partir da década de 1960, período no qual Foz do Iguaçu, ainda que pequena e relativamente isolada, já houvera avançado na integração com outras regiões do Estado do Paraná através da construção de rodovias. Ciudad del Este, há poucos anos tinha sido fundada e em homenagem ao ditador paraguaio que estava no poder no referido período, era chamada de Puerto Presidente Stroessner. A cidade paraguaia localizada na extremidade leste do país era símbolo do projeto, que iremos abordar posteriormente de forma mais detalhada, intitulado como “La marcha al Este”. Basicamente podemos defini-lo como um projeto expansionista do governo paraguaio para a colonização e ocupação de terras “inabitadas” em regiões longínquas como a fronteira com o Brasil. Pensando ainda na década de 1960, não se pode esquecer da inauguração da Ponte Internacional da Amizade no ano de 1965, que é simbólica em diversos sentidos, como por exemplo:

1. Ela liga Foz do Iguaçu a Puerto Presidente Stroessner (Ciudad del Este), possibilitando a ligação entre as duas cidades e com isso ajudando a consolidar o espaço de trocas comerciais e culturais. Atualmente, a fronteira aqui estudada está entre as mais movimentadas do mundo;
2. O Paraguai através de rodovias e da Ponte Internacional da Amizade, conseguiu estabelecer uma rota direta de escoamento de sua produção ao mundo exterior pelo Porto de Paranaguá. Até este período, o Paraguai ainda era dependente do porto de Buenos Aires, situação que sempre dificultara o avanço comercial do país e tinha sido uma das causas que levaram à Guerra da Tríplice Aliança no século XIX.

Portanto, pode-se concluir a respeito deste aspecto que a Ponte Internacional da Amizade é muito mais que um cartão postal de iguaçuenses e esteños, mas uma

construção que foi fundamental para a integração regional. Com o início da construção da Usina Hidroelétrica de Itaipu na década de 1970, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este passaram por uma explosão demográfica. Segundo Manarin (2008), Foz do Iguaçu não passava de 28 mil habitantes na década de 1960, enquanto na década de 1970 a população já ultrapassava a casa dos 130 mil habitantes. Para comportar a chegada do grande número de trabalhadores e de suas famílias, as cidades da região tiveram que passar por uma grande reformulação, bem como viram se obrigados a expandir ou mesmo criar infraestrutura urbana até então inexistente (escolas, hospitais, ruas, bairros, casas...).

A explosão demográfica refletiu-se também na explosão comercial. O turismo comercial começou a atrair pessoas que costumavam sair de lugares como São Paulo e vinham para Foz apenas para cruzar a Ponte da Amizade, fazer compras no Paraguai e levar as mercadorias novamente para os grandes centros urbanos brasileiros e por fim revende-las. Este movimento, de certa forma gerado como efeito colateral da construção de Itaipu, atraiu muitos comerciantes à Ciudad del Este, que passou a ser internacionalmente conhecida como um paraíso para compras de produtos que muitas vezes nem sequer existiam no Brasil.

Podemos afirmar até o presente momento que: Itaipu Binacional foi a construção que encerrou as questões litigiosas entre Paraguai e Brasil, pois até pouco tempo antes do início do Tratado de Itaipu ser assinado em 1973, existia o litígio sobre a região de Porto Coronel Renato, localizado próximo às Sete Quedas no Rio Paraná. A entrada de tropas brasileiras no ano de 1965, gerou enorme mal-estar diplomático entre os países que reivindicavam aquele território como mostra Barros (2017):

o litígio fronteiriço ganharia um novo capítulo meses depois daquela inauguração simbólica. Em de junho do ano de 1965, o governo brasileiro, através de um pequeno contingente de soldados pertencentes à Quinta Companhia de Fronteira, sediada na cidade de Guaíra, localizada no oeste do estado do Paraná, ocupou uma pequena faixa de fronteira denominada Porto Coronel Renato (MENEZES, 1987). E é provável que esta ocupação tenha tido como principal objetivo garantir a soberania brasileira naquela região. Soberania que não levava em conta apenas uma defesa territorial de Sete Quedas, mas o potencial econômico da mesma. (BARROS, 2017, p. 104)

O potencial econômico que o autor menciona ao final do trecho acima, diz respeito à capacidade de produção de energia a partir das águas do Rio Paraná, que possibilitavam a construção de uma grande usina hidroelétrica, algo que era fundamental ao Brasil dos anos 1960-1970, pois era uma nação com déficit energético. Um agravante desta situação é que o referido episódio se deu no ano de 1965, exatamente 100 anos após o acontecimento das principais batalhas da Guerra da Tríplice Aliança como Tuyuti, Riachuelo e Curupayty. Ainda segundo Barros (2017), pode-se notar uma movimentação de revolta contra as ações imperialistas brasileiras, que mesmo 100 anos após a sangrenta guerra ocorrida entre 1864-1870, seguia mantendo posturas hostis contra o Paraguai. O nacionalismo e a identidade nacional, que desde os anos 1900 com o novecentismo vinham ganhando força, se fortaleceram ainda mais e mesmo um povo com diferentes opiniões sobre a ditadura stronista, terminou se unindo em prol da causa paraguaia na questão litigiosa.

Em 1965 os paraguaios celebravam o centenário da Epopeia Nacional, o início da Guerra da Tríplice Aliança. No senso comum, o Brasil representava uma “mancha” na história do Paraguai devido a este conflito bélico, apesar dos esforços de aproximação entre ambas as nações nas décadas anteriores incluindo a revisão de textos didáticos que representavam o Brasil como um “vilão” na história diplomática do país guarani (MORAES, 1996). A ocupação militar em Porto Coronel Renato esquentou os ânimos de diversos segmentos da sociedade paraguaia possibilitando que novos elementos surgissem para enriquecer a identidade nacional perante a polêmica atitude brasileira. Aos poucos, estava sendo formado um vínculo patriótico, independente de divergências internas, em prol de dado interesse comum: os direitos sobre Sete Quedas. (BARROS, 2017, p. 104)

Neste sentido, a construção da Usina de Itaipu terminaria atingindo diferentes objetivos que seriam benéficos tanto para o Brasil, quanto para o Paraguai. Primeiramente, ambos os países seriam abastecidos com a produção energética da usina. Segundo ponto, o projeto binacional de tamanha magnitude, aproximaria diplomaticamente os dois países. Por fim, o território litigioso em questão: “Porto Coronel Renato”, assim como as Sete Quedas, ficaria submerso devido à inundação do lago de Itaipu. Desta forma, os territórios de fronteira entre Paraguai e Brasil que, por séculos foram cenário de disputa desde os tempos coloniais, agora findavam sua história de litígios. Do episódio de Porto Coronel Renato em 1965 até o tempo presente, não houve mais nenhum episódio relevante de disputa por territórios fronteiriços entre Paraguai e Brasil.

2. MARCHA AL ESTE E INTEGRAÇÃO BRASIL – PARAGUAI.

Na década de 1950 no Paraguai, é possível ver uma intensa aproximação cultural, política e econômica do Paraguai com o Brasil em todos os sentidos. No ano de 1954 ocorre a primeira semana de arte moderna do Paraguai e existe uma grande influência da Missão Cultural Brasileira nas obras produzidas. No mesmo ano, após uma grave crise política, Alfredo Stroessner chega ao poder, iniciando um período de ditadura de 35 anos, no qual se consolidará uma intensa relação entre o Paraguai e o Brasil.

A primeira campanha que é possível destacar é a Marcha al Este, um movimento promovido pelo líder paraguaio, a fim de colonizar as terras ao leste do país, até então pouco exploradas. O Brasil neste mesmo momento passava por um movimento de colonizações no interior do país, buscando habitar o Oeste. Com preços mais acessíveis e incentivos do governo paraguaio, vários brasileiros decidem vender suas propriedades no Brasil e migrar ao leste paraguaio. Segundo Albuquerque (2009):

As estimativas indicam que se trata da maior migração de brasileiros para uma nação fronteiriça e a segunda maior “comunidade de brasileiros” no exterior. Segundo os dados do Ministério das Relações Exteriores, em 2002, dos 545.886 brasileiros que se encontravam nos países da América do Sul, 459.147 estavam no Paraguai (ALBUQUERQUE, 2009, p. 139)

Os imigrantes brasileiros no Paraguai fazem parte de dois amplos processos migratórios no interior do Brasil: um movimento vindo do Rio Grande Sul em direção a Santa Catarina, Oeste do Paraná e Mato Grosso do Sul; um outro fluxo vindo do Nordeste e Minas Gerais em direção ao Estado de São Paulo, Norte e Oeste do Paraná. Essas migrações eram fundamentalmente compostas por famílias de camponeses. As famílias dos dois fluxos migratórios ocuparam geralmente posições sociais diferentes tanto no Oeste do Paraná, Mato Grosso do Sul como no Leste do Paraguai nos ciclos do café, da menta e da soja. Os nordestinos e mineiros se tornaram principalmente peões, arrendatários e posseiros nessas frentes de expansão nacionais, enquanto que os sulistas se constituíram majoritariamente como colonos, pequenos e médios proprietários, especialmente em território paraguaio. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 139)

Neste momento, surge a comunidade que ficou conhecida como brasiguaios. Os brasiguaios dedicaram-se à agricultura e gradativamente foram ocupando um número cada vez maior de terras. Alguns tornaram-se grandes proprietários de soja, situação que gerou um grave problema social que chega ao presente. Um grande

número de camponeses (camponeses) paraguaios ficaram sem terras e foram forçados à migração para os centros urbanos, ocupando lugares periféricos.

Quando analisamos a realidade social do Paraguai durante o século XX e XXI, vemos que um dos problemas centrais que pairam sobre esta sociedade é justamente a desigualdade agrária originada após a Guerra da Tríplice Aliança findada em 1870. Teóricos como Heikel e Palau (1987), Marques et al. (2012) nos apontam para esta questão que pode ser vista sob duas óticas bem diferentes. Do lado do agronegócio e de grandes latifundiários brasiguaios, que vêm expandindo a agroindústria e suas posses, resultando em um agravamento das problemáticas ambientais e sociais. Do outro lado estão comunidades indígenas e camponesas que vão sendo desalojados e colocados em situação de extrema pobreza e forçados às periferias dos grandes centros urbanos do Paraguai. “En el encuentro de ambas “marchas” fue predominante la presencia brasileña y muchos agricultores Paraguaiois sufrieron la expropiación de sus tierras.” (Marques et al., 2012, p. 71).

A questão se expande ao ponto de se tornar também uma preocupação para a saúde pública, já que agrotóxicos utilizados nos grandes latifúndios agroindustriais contaminam solos, rios e alimentos de comunidades próximas. Uma das lutas que vemos hoje a partir de pequenas comunidades agrícolas é justamente a questão da segurança alimentar, que se vê ameaçada com a produção de transgênicos e químicos utilizados em quantidades crescentes nos últimos anos. Como resultado da Marcha al Este promovida por Stroessner, no Paraguai, consolidou-se uma oligarquia do Partido Colorado no governo, uma estrutura fundiária ainda mais desigual

Agora, deve-se falar que as migrações para o interior do Brasil e as marchas para o leste do Paraguai, geraram como resultado também a identidade brasiguiaia, e com ela, uma infinidade de novas culturas, significações e imaginários sobre o que é a fronteira. O caso mais evidente desta mescla cultural é a fronteira seca entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Diferentemente de Ciudad del Este e Foz do Iguaçu que têm o rio como divisor entre as cidades, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero possuem apenas uma avenida que os separa. Elas são, literalmente, cidades grudadas uma na outra que formam uma conurbação internacional.

No que tange a questão linguística, os brasileiros trazem o português consigo, os paraguaios o guarani, o espanhol e o jopara (guarani e espanhol misturados).

Portanto, é possível ver no mesmo espaço quatro expressões idiomáticas ocorrendo, muitas vezes de forma simultânea. Além disso, a integração do português com o espanhol gerou o chamado Portunhol, que pode ser considerado uma quinta língua. Para deixar mais interessante ainda, há a possibilidade do portunhol incorporar o guarani, que também é uma língua da região, compondo assim o portunhol selvagem (sexta língua). Esta última, seria uma marca típica da região fronteira entre Paraguai e Brasil, mostrando-se como elemento simbólico na cultura daquele local. O portunhol selvagem seria uma terceira margem, um novo movimento antropofágico literário, no qual as línguas são adequadas ao elemento local, superando o academicismo da colonialidade do saber moderno.

Além da língua, outros elementos se mesclam. Pratos como a chipa, a sopa paraguaia e bebidas como o tereré são típicos dos dois lados da fronteira, bem como o feijão e outros pratos brasileiros. Ocorre uma integração tão intensa que é difícil definir-se completamente dentro da cultura paraguaia ou dentro da cultura brasileira, o que gera uma crise de identidade muito intensa nos moradores da fronteira.

No entanto, a integração entre os povos também tem seu lado ruim. Na região de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã é possível ver de forma explícita relações de sub imperialismo do Brasil sobre o Paraguai. É possível notar que quanto ao uso de idiomas, por mais que exista toda a diversidade mencionada, o português se sobressai como a língua predominante (hierarquicamente mais importante), sendo ela utilizada majoritariamente em relações comerciais. Há uma valorização por parte dos brasileiros em aprender o espanhol da Espanha e não o paraguaio. Quanto ao guarani, em alguns espaços quando ele é falado, pessoas sofrem restrições. A diversidade e integração modificou perspectivas de identidade e fronteira, no entanto, ainda não foi capaz de desmontar o discurso da colonialidade que, atualmente, é promovido pela comunidade de brasileiros.

A história também é muito presente, a Guerra da Tríplice Aliança em vários pontos é rememorada, principalmente pelos paraguaios, que em sua cultura ainda trazem elementos do trágico conflito, seja através da música, da dança, da culinária, etc. O tráfico de drogas, o contrabando e a violência também estão presentes nos cenários fronteiriços e geram conflitos entre grupos sociais. Paraguaios dizem que essas problemáticas são causadas por brasileiros e vice-versa. No entanto, creio que

os dois estão certos e errados ao mesmo tempo. As problemáticas das fronteiras são resultado de um amplo e complexo processo dinâmico de trânsito cultural fronteiriço, que ao mesmo tempo em que geram um lado de integração, identidade, cultura, respeito, geram um lado de choques tais quais os problemas antes citados.

3. GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA E IMPACTOS NAS RELAÇÕES COTIDIANAS BRASIL – PARAGUAI NOS SÉCULOS XX e XXI.

A Guerra da Tríplice Aliança, conhecida no Brasil como a Guerra do Paraguai, iniciou-se oficialmente no ano de 1864 e terminou no dia 01/03/1870 com a morte de Francisco Solano López em Cerro Corá. O conflito deve ser considerado um episódio central na história da região, no sentido de que o mesmo contribui para a formação de diversos elementos imaginários que estarão presentes nas relações interpessoais e interestatais de brasileiros, paraguaios e argentinos ao longo dos séculos XX e XXI.

Iniciada principalmente por disputas geopolíticas da Bacia Hidrográfica do Prata, que envolviam o acesso ao mar e o controle de navegação de rios como o Paraná e o Paraguai, o Paraguai (país) se encontrava a finais do ano de 1864 novamente isolado e sujeitos às condições geopolíticas e econômicas impostas, sobretudo, pelas duas potências regionais: Argentina e Brasil. Após uma série de fracassos diplomáticos, deflagrou-se a contenda bélica a partir do ataque paraguaio à Província do Mato Grosso, região de litígio histórico entre Brasil e Paraguai.

Ao final da guerra, estima-se que algo entre 60 - 70% da população paraguaia havia sido morta, sobrando majoritariamente mulheres no país, que teriam um papel central no processo de reconstrução do Paraguai ao final do século XIX. O país estava completamente dizimado e a capital continuou sendo ocupada por forças aliadas, majoritariamente compostas por brasileiros. No Brasil e na Argentina a guerra criara e/ou fortalecera a ideia da identidade nacional. Enraizavam-se as histórias oficiais, mitos fundadores dos Estados Nacionais modernos. Quando pensamos no caso brasileiro, podemos notar um grande esforço por parte do Imperador D. Pedro II em expandir o nacionalismo através da catalogação de patrimônios históricos brasileiros em órgãos como o IHGB, a consolidação de uma identidade nacional promovida sobretudo pelo movimento do romantismo e o financiamento de artistas como Vitor

Meirelles e Pedro Américo que retrataram importantes vitórias militares brasileiras durante a guerra contra o Paraguai.

Já o Paraguai, ao final da guerra, buscou iniciar uma política de modernização que incluía a implantação da cultura burguesa europeia ao país. Tal processo impactou em diversas estruturas sociais e culturais do Paraguai. A nação era conhecida como a República das Mulheres, já que foram praticamente as únicas sobreviventes. Nos campos, praticamente não havia possibilidade de sobrevivência devido à destruição de plantações e rebanhos de animais. A opção mais viável seria a migração para os centros urbanos, sobretudo Asunción.

Após o movimento novecentista emergir nos anos 1900, muitos acontecimentos da guerra foram resgatados e passaram por uma ressignificação nas narrativas paraguaias. Talvez o elemento mais marcante que tenha começado a surgir a partir daí, é a ideia da bravura do povo paraguaio, da raça guarani, a valentia de um povo que possui como lema “vencer o morir”. A figura feminina também passou a ser considerada como única na região, dando origem à lendária figura da “Mujer Paraguaia”, ou seja, a mulher forte que reconstruiu o país e está muito presente em vários elementos culturais contemporâneos. O Mariscal Francisco Solano López, líder da nação paraguaia ao longo do conflito, se consolidou como grande mártir e herói nacional após 1936, período de Rafael Franco na presidência da República Paraguaia que é muito marcante por ser o momento imediato após a Guerra do Chaco, que também contribuiu e muito para a consolidação do ideal de bravura guarani.

Portanto, a partir do novecentismo paraguaio, vemos o início de um período de ressignificações históricas e culturais que continua em desenvolvimento até a atualidade. O imaginário da bravura e da resistência de um povo que foi quase exterminado no passado, serve como base argumentativa para os cidadãos paraguaios em diversas situações desafiadoras ou adversas do presente, denotando que a consciência histórica² ainda está muito atrelada a este episódio (Guerra da Tríplice Aliança). Pensando nas relações de fronteira com brasileiros, isto pode ser

² Termo utilizado pelo historiador alemão Jörn Rüsen (1994) que faz menção ao conjunto de operações mentais relacionando os diferentes tempos históricos (Passado-Presente-Futuro) para significar uma realidade e basear uma argumentação a partir de interpretações históricas. Segundo o historiador alemão, os problemas e inquietações do presente levam os indivíduos a revisitar as fontes históricas a partir de novas perspectivas, o que pode resultar em novas perspectivas e resultados no campo da ciência historiográfica.

considerado como algo negativo ou prejudicial. Para exemplificar, pode-se lembrar de algumas situações que de fato ocorreram e nos mostram essa relação de significação do presente a partir do passado conflitivo com brasileiros:

1. Nas negociações que envolvem a entidade “Itaipu Binacional”, ocorreram episódios em que o resultado das relações bilaterais foi desfavorável ao Paraguai, gerando discursos entre setores populares como: “los brasileños nos destruyeron y nos robaron en el pasado y siguen haciendo la misma cosa en el presente”.
2. O mesmo discurso é reproduzido ao se tratar da ocupação de terras em solo paraguaio, já que grandes latifúndios estão sob posse de brasileiros ou os descendentes destes já nascidos no Paraguai e apelidados de “brasiguayos”. A desigualdade de terras no Paraguai passou a ser uma realidade após a Guerra da Tríplice Aliança, já que antes as terras eram estatais e arrendadas à comunidade camponesa. Com a destruição do pós-guerra, os liberais paraguaios que assumiram o poder, venderam grandes extensões de terras à capitalistas estrangeiros, incluindo brasileiros, argentinos, ingleses, estadunidenses, entre outros. A situação se agravou ainda mais durante a segunda metade do século XX, período no qual a expansão e colonização de terras localizadas ao leste do país – apelidada de “Marcha al Este”, levada a cabo pelo general e ditador Alfredo Stroessner, na ocasião, presidente do Paraguai. Com terras a baixo custo e próximas à fronteira com o Brasil, comprar terras do lado paraguaio se tornou algo muito atrativo e lucrativo para brasileiros que também migravam para regiões mais interioranas do país no mesmo período, fato que veremos com mais detalhe no capítulo seguinte.
3. Em situações cotidianas menos visíveis. Como brasileiro, tive uma experiência um tanto quanto inusitada estando no Paraguai. Ao recusar-me educadamente em comprar uma fruta de um vendedor, o mesmo alegou que eu não gostaria de comprar o produto que estava sendo oferecido por ser de um paraguaio, algo típico dos brasileiros que só compram de brasileiros e entram para explorar os recursos, tirar oportunidades dos paraguaios em seu próprio país, algo que pelo caminho que tomou a argumentação, ocorre desde o conflito travado entre os exércitos de Francisco Solano López e Pedro II.

Contudo, não se pode esquecer que no âmbito das relações diárias contemporâneas nos espaços de fronteira entre Paraguai e Brasil, também há a xenofobia e a construção de estereótipos, talvez até em maior quantidade, de brasileiros contra os paraguaios. O discurso se dá em grande parte, inferiorizando e ridicularizando os cidadãos do país vizinho. O mais comum é escutar brasileiros se referindo aos paraguaios como preguiçosos, que não gostam de trabalhar, contentam-se com pouco e passam o dia descansado sob sombras de árvores e outros objetos, tomando terere – principal bebida consumida no Paraguai.

O pensamento que circula no senso comum sobre o Paraguai, mesmo em uma cidade como Foz do Iguaçu que busca através de propagandas oficiais demonstrar a integração e cooperação entre brasileiros e paraguaios, é de que o país vizinho é a nação da ilegalidade, dos produtos falsificados, do contrabando, das drogas, dos armamentos, da corrupção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo de diferentes áreas envolvendo as relações entre Paraguai e Brasil no curso de especialização ofertado pela UNILA, somado à minha experiência como morador da região de fronteira desde 2014, pude sintetizar que brasileiros e paraguaios, mesmo com um passado marcado pelo conflito mais sangrento da história da América do Sul, conseguiram se aproximar e estabelecer excelentes relações, sobretudo comerciais, mas também culturais, as quais ficam evidenciadas na prática de uma cultura única resultante da mescla destes povos em regiões fronteiriças. A dinamicidade e a complexidade cultural que se estabelece neste espaço é tão particular, que fica difícil senti-la apenas a partir da leitura de livros ou assistindo vídeos que falem sobre tal.

Os elementos de integração mais evidentes, especialmente na região Foz do Iguaçu – Ciudad del Este, são a Usina de Itaipu e a Ponte Internacional da Amizade, que são pontos utilizados como referência para a construção de discursos como: “A integração é respeitada”; “Somos povos irmãos”; “A diversidade e o respeito para com o outro são respeitados” e alguns outros comuns em slogans que buscam inclusive atrair turistas para a região.

Contudo, a vivência na fronteira em várias situações apresenta um cenário muito diferente deste. Muitos brasileiros se referem com tons de ridicularização e menosprezo aos paraguaios, como um povo inferior, preguiçoso, sem vontade de trabalhar. Ao perguntar o que se lembra sobre Paraguai, os primeiros elementos ditos são: corrupção, produtos piratas e falsificados, pode-se conseguir tudo através da ilegalidade, etc. Parte deste discurso é alimentado pela mídia nacional que quase sempre se refere ao outro lado da fronteira para transmitir grandes apreensões de drogas e armamentos, desvios e contrabandos, produtos tóxicos.

Do lado paraguaio, é possível notar que por trás da cordialidade que se apresenta em um primeiro momento, existe ainda um peso histórico, proveniente desde a Guerra da Tríplice Aliança, que influencia as relações entre paraguaios e brasileiros. Após as marchas migratórias, os brasileiros ocuparam extensas faixas de terras no Paraguai, dando origem às comunidades brasiguaias e agravando ainda mais a estrutura agrária paraguaia. O processo de desigualdade afeta principalmente as pessoas mais pobres da sociedade, como camponeses e indígenas. Na prática, vemos que este grupo demográfico está entre aqueles que maior adversidade possui à comunidade brasileira assentada no país.

Alcançamos a integração entre os dois povos? Acredito que podemos afirmar que sim, mesmo esta relação sendo marcada por tantas adversidades e feridas históricas, a presença de elementos culturais como o portunhol e o portunhol selvagem, demonstram que sim há um contato entre brasileiros e paraguaios. Nas micro relações cotidianas, também vemos amizade e respeito entre pessoas dos dois países, assim como temos de pensar que nas macros relações, Paraguai e Brasil podem ser considerados grandes aliados em questões de cooperação energética, comercial, entre outros.

O problema está em fechar os olhos para o lado ruim da história, ou seja, simplesmente ignorar as violências, discriminações e atritos estruturais que acontecem também diariamente. Penso que se desejamos buscar o avanço da integração neste contexto regional, devemos ao menos conhecer a história do local no qual estamos inseridos e conhecer o outro, fazer o esforço de tentar enxergar as situações de forma multifacetada.

Acreditando de fato nisso, gostaria inclusive de ter desenvolvido ao longo da especialização, um projeto de ensino de história em escolas públicas da região, justamente para trabalhar questões como esta: aprender a conhecer a história do lugar em que estamos, aprender a conhecer a história do povo vizinho, trabalhar questões de identidade e ir gradativamente eliminando pensamentos de senso comum que podem favorecer à permanência de relações conflitivas, como ocorre atualmente.

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos "brasiguaios" entre os limites nacionais. **Horizontes antropológicos**, v. 15, p. 137-166, 2009.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. **Revista estudos feministas**, v. 13, n. 3, p. 704-719, 2005.

BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. **Fronteira (s) Paraguai/Brasil: Narrativas sobre (de) colonialidade, culturas, línguas e identidades**. Editora Pontes, p. 103 – 200, 2017.

BARROS, Luiz Eduardo Pinto. Porto Coronel Renato em manchete: o litígio fronteiriço entre Brasil e Paraguai nos periódicos de ambos os países. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 11, n. 22, p. 97-120, 2017.

BONFIM, Carlos. Portuñol salvaje: arte licafronteras y tensiones contemporáneas. **Kipus: revista andina de letras y estudios culturales**, n. 31, p. 69-86, 2012.

MARQUES, D.H; Rodrigues, R.N.; Rezende, D.F.A. **La frontera entre el Paraguai y el Brasil y la importancia del territorio, las instituciones y la sociedad en la formación de la identidad "brasiguaya"**. NOTAS DE POBLACION, 94: 67-92. CEPAL, 2012.

PALAU, T. & Heikel, M.V. **Los campesinos, el Estado y las empresas en la frontera agrícola**. Asunción: Base P. 41-46, 1987.

QUINTEROS, Marcela Cristina. A Guerra Guasu na construção da identidade nacional no Paraguai. **Diálogos**, v. 24, n. 3, p. 178-197, 2020.

RÜSEN, Jörn. ¿ Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. **Unpublished Spanish version of the German original text in K. Füssmann, HT Grütter and J. Rösen, eds**, p. 3-26, 1994.